

«A verdadeira coragem
acha sempre algum
contra a adversidade»
recurso

CALDAS AULETE

A Voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



PORTE
PAGO

ANO XXVI 19-1-78
(Preço avulso: 5\$00) N.º 658

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barras

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

Furores e rivalidades inconciliáveis

nunca convidaram ao entendimento

As realidades e as adversidades conluiam-se, conspiram e assolam, furibundas, esta velha mansão lusitana, e de modo tão evidente que, exaustas e esgotadas as múltiplas lucubrações daí resultantes, os comentários mais parecem simples e repetitivos.

Ei-las, que aí estão implantadas à vista de todos, escarpeladas, embora, mas avultantes como espectros ameaçadores que dia-a-dia se avantejam assumindo diversos nomes, ganhando novos contornos...

Tudo corre (pelo menos aparentemente) de mal a pior, todos falam e poucos, muito poucos, têm razão.

Lamentações não faltam, mas, quer se queira ou não, nada resolvem, nada adiantam. Talvez, antes pelo contrário: só poderão engrossar a onda pessimista que está tomando conta dos mais desiludidos e, quiçá, dos mais atingidos pela dureza das tribulações quotidianas.

Pois, não desejamos, nem queremos fazer coro aos desalentos, nem carpir, passivamente, as desditas decorrentes das economias nacional e domésticas e quejandas quebras de outros índices de valor, e desarmar, psicologicamente, quando uma vez mais (e outra vez) se faz mister mobilizar suplementos de vontade e determinação.

Com certeza que assim nos preparamos para melhor resistir e enfrentar dias piores.

Mas não pretendemos limitar ao «entrincheiramento subjectivo» e retraindo-nos a ocupar o lugar e o espaço sociais que legitimamente nos pertencem e facultam, também, não

(continua na pág. 2)

PORQUE FECHAMOS AS PORTAS

Em Setembro de 1970, a Companhia Siderúrgica Skeleton, de Stratford-upon-Avon, foi fechada pelos respectivos proprietários uma semana depois que os seus 400 empregados entraram em greve. A decisão foi tomada pelo Presidente. Howard Hicks, depois de «uma análise cuidadosa do meu senso de responsabi-

(continua na pág. 3)

Sindicatos em dura luta contra trabalhadores

De novo o terror?

A pretexto de ser considerada ilegal a transferência de secção de 2 trabalhadores do Hotel Sol e Mar, o Sindicato da Indústria Hoteleira desencadeou uma forte campanha, (muito bem orquestrada) contra as organizações Fernando Barata, em Albufeira, para contrariar decisões tomadas pela administração daquela empresa, que decidira transferir para um dos seus restaurantes 2 dos trabalhadores da firma.

Muito bem aproveitada, esta circunstância provocou uma fortíssima agitação laboral de que, por pouco, não resultaram gravíssimas consequências, pois foram feitas as perigosas e incríveis ameaças que são apanágio dos que, não confiando na

força da sua razão, preferem a razão da sua força, esquivando-se à justiça dos tribunais para imporem a força dos seus punhos na solução de problemas que devem ser esclarecidos em face da Lei.

Nós já conhecemos a linha daqueles a quem ensinaram o «disco» de que «tem que ser assim para al-

(continua na pág. 7)

Criemos um Mundo Novo... mas melhor

Prezado Piedade Barros.

Morreu 1977 e com ele muitas esperanças se desvaneceram para os que da vida já pouco têm a esperar. O que poderão ainda aguardar os milhares de retornados que enxameiam Portugal de lés a lés e os

(continua na pág. 6)

Situação do Centro de Apoio ao Ensino Superior no Algarve

objecto de interpelações do PSD

Dado que o documento, além de se revestir de importância incontroversa, levanta questões que a todos mais ou menos interessam, aqui o reproduzimos na íntegra:

REQUERIMENTO:
1. Considerando que constitui um dos direitos mais elementares dos cidadãos o acesso aos graus mais elevados do ensino, cultura e investigação;

2. Considerando que incumbe às entidades Governamentais encontrar as soluções adequadas para dar resposta a casos de manifesta vontade e necessidade de valorização educacional e formativa;

3. Considerando que, em Faro, desde o ano lectivo 1974/75, numa iniciativa louvável e altamente meritória, funciona um Centro de Apoio ao Ensino Superior, inicialmente apenas com os cursos de Históricas e Românicas e agora também com Germanicas, Direito, Sociologia e Gestão de Empresas, num total de mais de 400 alunos;

4. Considerando que têm sido enormes as dificuldades encontradas nos aspectos de instalações, professo-

res e apoio financeiro. São francamente precárias as instalações para salas de aulas, que vão sendo cedidas essencialmente pela Diocese e pela Câmara de Faro, ao mesmo tempo que os professores vão ministrar as aulas a título particular, e, portanto, fora dos seus horários nas Faculdades de Lisboa, o que lhes implica sacrifício em muitos feriados e

(continua na pág. 6)

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONCHIQUE

REPÚDIA GESTO OFICIAL
CONSIDERADO ANTIDEMOCRÁTICO

Pela Câmara Municipal de Monchique, foi-nos transmitido parte do teor da acta da reunião ordinária da Assembleia Municipal do Concelho de Monchique, sessão essa realizada no passado dia 30 de Novembro.

É este o texto referido, a seguir extractado:

«PROPOSTA APRESENTADA PELO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL — Segui-

(continua na pág. 2)

«AS MONOGRAFIAS E OS CONTOS TRADICIONAIS DO ILUSTRE ETNÓLOGO DR. ATAÍDE OLIVEIRA CONSTITUEM OS FUNDAMENTOS ESSENCIAIS DA ANTROPOLOGIA CULTURAL DO ALGARVE»

— Afirmou-nos o Dr. José de Jesus Neves Junior

De acordo com aquilo que havíamos prometido e que faz parte integrante da nossa campanha pró-divulgação da obra literária do Dr. Ataíde Oliveira, encetamos hoje um ciclo de entrevistas, extensivas a entidades de reconhecida projecção intelectual e cultural.

Indubitavelmente, os seus depoi-

mentos hão-de revestir-se sempre de primordial valia e autoridade, quer como convictas afirmações opinativas, quer como reflexões ponderadas sobre uma obra literária (a do Dr. Ataíde de Oliveira) que evidencia ser tão cara, em especial, aos naturais desta Província.

Por isso, as nossas entrevistas, que

se basearam num conciso questionário de quatro ou cinco interrogações, foram remetidas a eminentes personalidades algarvias, algumas das quais de origem louletana, sendo as respostas respectivas, logo que recebidas, editadas com o merecido e justificado destaque neste jornal, na me-

(continua na pág. 3)



Relançamento

da Associação dos Comerciantes
do Concelho de Loulé

— encarada pela sua Comissão Instaladora

Em sessão efectuada recentemente, Comissão Instaladora da Associação dos Comerciantes do Concelho de Loulé, apreciando a sua actual situação encarou, em moldes positivos, uma nova e expedita orientação em forma a possibilitar-lhe o desempenho cabal do prestante papel que lhe está confiado e, oficialmente, lhe é reconhecida.

Durante o colóquio entabulado e a troca de opiniões expandidas, que incluíram uma análise dos dois últi-

mos anos, ficou bem patente e vinculada a vontade que anima todos os seus componentes no sentido de quão urgente se torna dotar a Associação dos necessários meios de articulação com vistas a superar a sua acção de apoio ao comércio concelhio, em termos mais eficientes e actuaes.

Emergiu, portanto, a necessidade, que a Associação experimenta, de por seu turno, contar com a boa com-

(continua na pág. 2)

TUDO SE PREPARA
PARA QUE
O CARNAVAL DE LOULÉ-1978
tenha algo de inédito e atraente

RELANÇAMENTO da Associação dos Comerciantes do Concelho de Loulé

(continuação da pág. 1)

preensão e colaboração de todos os seus associados, pois o incremento dos seus serviços estruturais obriga de imediato, a um esforço económico suplementar, que não se coaduna nem compece com qualquer aspecto de alheamento.

Entre vários assuntos ali na reunião focados, foram efectivamente lembradas, entre outras, as funções de notória importância que tocam exercer à Associação dos Comerciantes do Concelho de Loulé, como órgão interpretativo da classe que representa e como entidade credenciada e interposta entre as instâncias

Furores e rivalidades inconciliáveis nunca convidaram ao entendimento

(continuação da pág. 1)

por acréscimo mas por direito adquirido, a participação no diálogo que teremos sempre que entabular.

No fundo, a crise que nos fustiga reside no cerne da pessoa humana, na sua essência, no seu substrato, onde se encerra o que de mais vital há no ser; onde aquilo que tanto se entende por angelismo e maquiavelismo assentam morada.

A explicação causal da crise, portanto, não reside em si própria mas no sujeito que a engendra, sendo tudo o mais consequência da sua acção, comportamento e atitudes...

Comportamento e atitudes... eis-nos chegados ao ponto axial da questão, e que nos leva a interrogar. Que vemos hoje? Que atitudes e que comportamentos se desenham?

As conclusões aí estão, e apontando acusadoras.

Quantas irredutibilidades, quantos conflitos, quantas rivalidades, quantas inimizades!

Precisamente, no momento em que uma jovem democracia procura incutir firmeza nos seus balcunhados passos, quando um país ofuscado pela flama da liberdade, tão poucas vezes conseguida na sua tormentosa história, porfia rumar nos caminhos pluralistas e no intercâmbio compreensivo e tolerante das ideias e das convicções.

Há demasiados furores e rivalidades em efervescência, com efeito, que obstam, afinal, à coesão e à unidade tão ingentemente necessárias à superação das dificuldades que de todos os lados nos assaltam.

Jogam-se neste momento, incontroversamente, os destinos pátrios no quadro das nações independentes e, inclusivé, a continuidade da democracia portuguesa. Será demasiado pedir e exigir discernimento e entendimento, pelo menos aos mais responsáveis, aos mais representativos, e às forças de pressão mais predominantes?

Esperamos que não sejam os factos consumados e irreversíveis (isso não abonaria a favor da sagacidade e clarividência dos políticos), que hão-de compeli a um exame retrospectivo, e porventura já extemporâneo, de autocrítica... e penitência.

J. C. Viegas

oficiais superiores e os empreendimentos comerciais, singulares e colectivos.

São, assim, com efeito, vastas as suas incumbências destacando-se na ocasião as seguintes: Assegurar a representação do Comércio concelhio, junto das entidades públicas, privadas e da opinião pública; estudar e divulgar todos os assuntos que interessem o comércio; organizar e manter serviços permanentes destinados a apoiar as actividades e os interesses dos seus componentes; fomentar, aos níveis possíveis, a formação empresarial e profissional; colaborar na regulamentação das actividades dos comerciantes e definir em termos gerais, as normas orientadoras e conciliatórias da concorrência; estudar e defender os interesses das pequenas e médias empresas.

Foi, também, relembrado que a Associação terá de debruçar-se não só sobre o projecto do estatuto do comerciante, como também sobre outras questões, nomeadamente, sobre contratações colectivas de trabalho e horários de funcionamento dos estabelecimentos comerciais.

Não restam dúvidas de que a Comissão Instaladora da Associação dos Comerciantes do Concelho de Loulé ao debater e ao reconsiderar todas estas questões, vai enveredar por soluções que visam a sua aptidão funcional, conducente a réplica convincente.

Para tanto, estão a envidar diligências e empenhos no sentido de impulsionar e dinamizar a reestruturação da Associação, contando de igual modo, com a melhor compreensão e espírito de entreajuda dos comerciantes associados do concelho.

Ultrapassar as limitações que têm embaraçado a Comissão Instaladora é esse, em resumo, o seu legítimo desígnio.

J. C. V.

Assembleia Municipal de Monchique repudia gesto oficial considerado antidemocrático

(continuação da pág. 1)

damente foi dada a palavra ao Senhor Presidente da Câmara que passou a apresentar à mesa a seguinte proposta, a qual para constar e devidos efeitos aqui se transcreve: — «O Senhor Governador Civil do Distrito em recente visita de trabalho aos concelhos de Aljezur e Monchique, a fim de se inteirar das condições actuais do prosseguimento da Estrada Nacional número duzentos e sessenta e sete até Aljezur, percorreu acompanhado do Presidente e outros elementos da Câmara de Aljezur o território que vai daquele concelho à povoação de Marmeleite, deste concelho, pelo qual está previsto passar o futuro troço daquela via rodoviária nacional, sem que se tivesse dignado informar de tal deligência a Câmara de Monchique, uma vez que pisava território da exclusiva jurisdição da mesma, penetrando-o até ao povoado de Casais. Praticou assim um acto que fuge a toda a ética político-administrativa, revelador do mais absoluto desrespeito para com

o povo de Monchique. Ao apresentar este indigno comportamento do senhor Governador Civil, faço questão de propor à Assembleia que, na sua qualidade de directa representante do seu concelho, manifeste, por meio de voto, o seu inteiro repúdio pela actuação de quem tem obrigação de sempre assumir comportamento da mais exemplar imparcialidade política ou ideológica — o Senhor Governador Civil — entidade que antidemocraticamente desrespeitou os órgãos democraticamente eleitos deste concelho e por consequência toda a sua população. A Democracia, acrescentou, não é «verbo de encher» mas sim um modo de estar ou de viver das comunidades com respeito por todos os escalões sociais que a preenche. O Povo de Monchique não merecia do Senhor Governador Civil tamanha ofensa, já mais que foi ele, em grande medida, quem defendeu a sua posição de Governador, aquando da ocupação Gonçalvista do edifício do Governo Civil, efeméride que agora parece ter escapado à memória do Senhor Governador, ao que tudo deixa transparecer, intencionalmente. A Assembleia Municipal aprovou a proposta do Senhor Presidente da Câmara e, deliberou por escrutínio secreto, que obteve uma maioria favorável de sete votos contra uma abstenção, manifestar o seu veemente repúdio pelo procedimento do Senhor Governador Civil do Distrito».

Secretaria da Câmara Municipal de Monchique, 2 de Dezembro de 1977.

COMPRA-SE

Notas do Banco de Portugal, fora da circulação, do tempo da Monarquia «Re's» ou República «Escudos», de 1920 a 1928. Resposta ao n.º 40 deste jornal.

(2-2)

CONSTRUÇÕES MARCOS & MARCOS, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Lienciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 7 do mês corrente, lavrada de fls. 37 a 39, v.º, do livro n.º C-98, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Joaquim Fragoso Marcos, Vítor Emanuel Murta Marcos e Joaquim Manuel Murta Marcos, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «Construções Marcos & Marcos, Lda», tem a sua sede no sítio do Areeiro, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, e a sua duração é por tempo indeterminado, a partir de hoje.

Parágrafo único — Por deliberação da Assembleia Geral poderá a sociedade criar ou encerrar filiais, sucursais ou quaisquer outras formas de representação social, e transferir a sede para outro local que se situe no concelho de Loulé.

Segundo — O objecto da sociedade consiste na indústria de construção civil, na execução de empreitadas de obras particulares e públicas, na compra e venda de bens móveis, na urbanização de terrenos e na construção de prédios urbanos para exploração directa ou para venda, podendo ainda explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de quinhentos mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

Uma de duzentos mil escudos pertencente ao sócio Joaquim Fragoso Marcos;

Uma de duzentos mil escudos, pertencente ao sócio Vítor Emanuel Murta Marcos;

Outra de cem mil escudos, do sócio Joaquim Manuel Murta Marcos.

Parágrafo Primeiro — Podem ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, mediante deliberação da Assembleia Geral tomada por unanimidade dos votos de todos os sócios.

Parágrafo Segundo — Os sócios poderão ainda fazer suprimentos à Caixa, mediante condições a fixar em Assembleia Geral.

Quarto — A gerência da sociedade, com dispensa de caução, será exercida, em princípio, por todos os sócios.

Parágrafo Primeiro — Em reunião da Assembleia Geral serão nomeados os sócios, que irão efectivamente gerir os negócios sociais, por períodos a determinar, a sua remuneração que só a estes pertence, e a hipótese de serem nomeados mas do que um gerente, a distribuição das respectivas funções, devendo todos estes factos constar da respectiva acta.

Parágrafo Segundo — A sociedade fica obrigada validamente quanto aos respectivos actos e contratos, que em seu nome sejam assinados por qualquer dos gerentes, nomeados nos termos do parágrafo anterior e dentro dos limites das suas atribuições.

Parágrafo terceiro — Fica expressamente vedado aos gerentes obrigar a sociedade em letras de favor, abonações, avals, fianças ou outros actos semelhantes, que não respeitem directamente aos negócios sociais.

Parágrafo Quarto — Qualquer dos gerentes referidos no precedente parágrafo primeiro, ou a própria sociedade poderá fazer-se representar por outro sócio ou até por estranho à sociedade, mas, neste caso, com o consentimento desta, por meio de mandato bastante, onde expressamente se especifiquem os respectivos poderes.

Parágrafo Quinto — Os gerentes nomeados nos termos do precedente parágrafo primeiro, além dos poderes normais de gerência da sociedade, que lhe forem atribuídos, poderão tomar de arrendamento quaisquer locais para a sociedade, comprar para ela quaisquer viaturas automóveis e vender as que dela sejam propriedade.

Quinto — A cessão de quotas a favor de quem não for sócio carece do consentimento dos sócios não cedentes, aos quais é reservado o direito de preferência na aquisição da quota alienada.

Parágrafo único — O sócio que pretende usar do direito de preferência pagará a quota alienada pelo valor que lhe for atribuído no balanço a que, para esse efeito, se procederá, qualquer que seja o preço da projectada cessão.

Sexto — A divisão de quotas entre os herdeiros de sócio falecido, não carece de autorização especial da sociedade.

Sétimo — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com o representante ou herdeiros do sócio interdição ou falecido.

Parágrafo Primeiro — Quando a quota fique em compropriedade, deverão os comproprietários escolher de entre si, no prazo de quinze dias após o evento que a originou, quem os represente na sociedade.

Parágrafo Segundo — Se o não fizerem naquele prazo, pode a sociedade, em alternativa ou escolher de entre eles o que mais conver aos seus interesses ou amortizar a quota, pelo valor do um balanço a que expressamente se procederá.

Oitavo — As Assembleias Gerais, salvo os casos em que a lei exija outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas, expedidas pelo correio, ou referenciadas em protocolo e entregues aos sócios, com uma antecedência mínima de oito dias, da data designada para a reunião, referindo-se nelas sempre a ordem de trabalhos da Assembleia.

Nono — Se a sociedade se dissolver os sócios serão os liquidatários e procederão à liquidação e partilha como entre si acordarem. Na falta de acordo, serão os haveres sociais liquidados verbalmente entre os sócios e adjudicados aquele que mais vantagens oferecer, em preço e forma de pagamento. Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 9 de Janeiro de 1978.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

COVEIRO PRECISA-SE

Ordenado compatível.
Contactar a Junta de Freguesia de Salir.

(4-3)

AUTOMÓVEIS USADOS

COMPRA — VENDA — TROCA

EM EXPOSIÇÃO NA

GARAGEM SHELL

Telefone 52277

ALBUFEIRA

(4-2)

Entrevista com o Dr. José de Jesus Neves Júnior

(continuação da pág. 1)
dida e na ordem cronológica da recepção das mesmas.

Cabe referenciar que os depoimentos em perspectiva irão constituir uma abalizada cedencial, que nos possibilitará recorrer, posteriormente, ao imprescindível patrocínio de organismos e instituições, sem o qual não será materialmente exequível levar por diante a reedição em vista.

Na presente circunstância grafamos, adiante, as declarações concisas do Dr. JOSÉ DE JESUS NEVES JÚNIOR, que muito amavelmente aceitou a conceder-nos, pelo que pendoradamente agradecemos.

Vestibularmente, porém, aqui averbamos algumas breves notas biográficas elucidativas, atinentes ao Dr. José de Jesus Neves Júnior:

Licenciado em Ciências Históricas e Geográficas pela Faculdade de Letras de Lisboa; professor liceal pela antiga Escola Normal Superior de Lisboa. Durante 42 anos, professor das disciplinas da sua especialidade e por vezes, de Português e de Filosofia. Conferencista brilhante e versátil, de História, Geografia e Literatura Portuguesa. Articulista em vários jornais da nossa província, nas revistas «Labor» e «Palestra», e ainda no Dicionário de História de Portugal. Tem-se devotado, também, a estudos sobre a cidade de Faro e sobre a grande formação lagunar algarvia.

P. — Chegou a conhecer pessoalmente, o Dr. Francisco Ataíde?

R. — Não conheci, pessoalmente, o Dr. Ataíde Oliveira.

P. — Querera conceder-nos a sua opinião sobre a personalidade e a obra literária desse escritor?

R. — As Monografias e os Contos

Tradicionais deste ilustre etnólogo, constituem os fundamentos essenciais da antropologia cultural do Algarve. Há nas monografias, algumas incorrecções, o que, de resto, não é para admirar em quem desbravou um terreno que estava por explorar. O que escreveu, no entanto, é digno de ser reeditado através de edições críticas.

P. — No seu entender quais são as obras mais representativas do escritor em apreço?

R. — Todas as obras são dignas de reedição pois em todas elas o autor inseriu um material etnográfico e histórico que não podem ficar esquecidos.

P. — Acha que, dada a raridade das suas obras, seria aconselhável,

em proveito da cultura portuguesa, a reedição das obras do Dr. Ataíde Oliveira?

R. — Como digo atrás, nessas reedições deveriam fazer-se as reedições críticas que constituem um complemento das obras.

Embora o questionário que me foi enviado não se refira à maneira prática de se proceder à reedição, de-se fazer a seguinte sugestão:

Começar-se-ia pela monografia de Loulé. Penso que a Câmara poderia participar nas despesas; além disso, far-se-ia uma inscrição das pessoas que estivessem dispostas a adquirir a obra igualmente se procederia em relação às restantes obras literárias do Dr. Ataíde Oliveira.

Detenções efectuadas pela PSP durante Nov-77

Pelo comando da PSP, sediado em Faro, recebemos uma circunstanciada relação das detenções efectuadas durante o passado mês de Novembro.

A seguir se transcrevem as mais salientes:

DETIDOS PELA PSP DE PORTIMÃO

Em 12Nov., foi detido Francisco Paulo Pedra Gomes, solteiro, vendedor ambulante, natural de Beja, por falsificação da matrícula duma viatura automóvel. Foi enviado a tribunal.

Em 27 Nov., foi detido José Alberto Correia Ildefonso, de 32 anos de idade, casado, mecânico, natural de Portimão, por assaltamento e arrombamento da vivenda «Vila Lido», Praia da Rocha. Foi enviado a tribunal.

DETIDOS PELA PSP DE OLHÃO

Em 19Nov., foi detido Domingos da Costa José, soldado desertor do Forte de Elvas e contra o qual havia mandado de captura. Foi entregue a uma escolta militar.

Em 12 Nov., foi detido Luís Joaquim Bicho Sequeira, de 27 anos de idade, solteiro, trabalhador, natural de Elvas e residente em Alcantarilha, por furto. Foi entregue a GNR por o furto ter sido praticado na sua área.

DETIDOS PELA PSP DE V. R. ST.º ANTÓNIO

Em 23Nov., Foi detido Diamantino Henrique Estêvão Pereira, de 44 anos de idade, solteiro, sem profissão, natural de Santiago, Távira e sem residência certa, por assalto a várias residências em Monte Gordo. Foi presente no tribunal.

DETIDOS PELA PSP DE LOULÉ

Em 17Nov., foi detida Josefa

Maria Júlia Brás, de 18 anos de idade, solteira sem profissão, natural de Angola e residente em Santa Luzia, Loulé, por injúrias a um agente daquela PSP. Foi presente no Tribunal.

Em 28Nov., foi detido Joaquim dos Santos Jorge, de 55 de idade, solteiro, oleiro, natural de Loulé, onde reside na Rua Alexandre Herculano, n.º 9, por injúrias e ameaças a um agente. Foi enviado a tribunal.

PORQUE FECHAMOS AS PORTAS

(continuação da pág. 1)
lidade moral e social como o maior criador de empregos em Stratford.

Mr. Hicks enviou então a cada um dos seus empregados a seguinte carta, explicando a sua decisão:

«A semana de greve para aumento dos salários deu prejuízo suficiente para eliminar qualquer lucro que esta companhia tenha auferido até então. A nova tabela de ordenados, a mais baixa que os seus representantes estariam dispostos a aceitar, ou seja, um aumento de 10 pences por hora, acaba de colocar esta companhia fora do mercado; é impossível competir com outras companhias do mesmo ramo.

«Estou certo de que vocês compreenderão que, se um supermercado recebesse um ultimato do seu pessoal ameaçando entrar em greve se os seus ordenados não fossem consideravelmente aumentados, o supermercado teria de aumentar os seus preços, para obter a quantia necessária ao pagamento dos seus empregados. Logicamente, as mulheres e mães de vocês iriam imediatamente fazer compras em outros lugares onde pudessem adquirir os géneros mais baratos. É esta exactamente a situação em que a exigência desse aumento colocou a Companhia Siderúrgica Skeleton.

«Faço votos para que as mesmas pessoas que os aconselharam, informando que a companhia estava em condições de suportar tais aumentos de ordenados, poderão ajudá-los a encontrar trabalho pelo preço que desejam, numa distância razoável das suas casas.

«A companhia estaria disposta a prosseguir, mesmo com o pesado encargo do enorme aumento de despesas, se tivéssemos podido entrar num acordo com os seus negociadores, para conseguir algum aumento na produtividade. Mas eles recusaram categoricamente a proposta. A companhia não pode fazer milagres e produzir um quilo de manteiga de meio litro de leite.

«O aumento da prosperidade não cai do céu, e somente por meio de um aumento de produtividade poderemos obter melhores condições de vida. O aumento dos ordenados sem um aumento proporcional de produ-

Ao Divino Espírito Santo

Agradeço graças recebidas.
A. L. E.

Notícias Pessoais

ENLACE MATRIMONIAL

No passado dia 2 do corrente mês, consorciaram-se nesta vila, o sr. Luís Manuel Pacheco da Palma e a sr.ª D. Maria Helena Estêvão Laginha.

O noivo, é filho do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Libânio Rodrigues da Palma, conceituado comerciante da nossa praça e vereador municipal e da sr.ª D. Ivone Quaresma da Palma. A noiva, é filha do nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José Laginha Duarte, também considerado comerciante em Loulé e da sr.ª D. Maria Virgínia Belchior Duarte.

Foram padrinhos da parte do noivo, o sr. dr. Manuel Mendes Gonçalves e esposa e da parte da noiva o sr. dr. José Alves Batalim Júnior e esposa.

Ao jovem casal e a seus pais endereçamos os nossos parabéns, com votos de feliz vida conjugal.

PARTIDAS E CHEGADAS

A matar saudades da terra natal, encontra-se em Loulé a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Tomé Santos Fernandes, que se faz acompanhar de seu marido sr. Silvestre Fernandes, nosso dedicado assinante nos E. U. A., e de seus filhos Paul John e Steve Fernandes.

— Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria das Dores Santos Lima, deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado conterrâneo e dedicado assinante sr. José de Sousa Lima, residente em Almada.

tividade provocaria apenas uma inflação indesejável.

«Sinto imensamente que isso tivesse de acontecer, mas o mundo não tem a obrigação de sustentar a Inglaterra e este país não tem a obrigação de sustentar a Companhia Siderúrgica Skeleton».

The Director

FALECIMENTO

Vítima de lamentável desastre de viação, ocorrido, no sítio das Pereiras (Quarteira), faleceu a sr.ª D. Lídia Cascalheira Rodrigues, de 42 anos, natural daquele sítio.

A saudosa finada, era casada com o sr. António Cristóvão, residente na França; mãe da menina Laura Rodrigues Cristóvão; irmã das sr.ªs D. Maria Cascalheira Rodrigues, casada com o sr. Sebastião Passarinho Sequeira, funcionário do Liceu de Faro, e dos srs. Manuel Cascalheira Rodrigues, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Cristóvão, e José Cascalheira Rodrigues, casado com a sr.ª D. Geraldina Boniche.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.

DR. ATAÍDE OLIVEIRA

breve notícia

da sua vida e obras

Na primeira parte da biografia do Dr. Ataíde Oliveira, da autoria do nosso prezado conterrâneo e assinante J. V. A. M., inserida na edição deste jornal n.º 656, de 5-1-78, foi grafada, a determinado trecho, uma «gralha» («legitimamente se», em vez de «legitimista que»), a qual nos compete corrigir e pedir as devidas desculpas.

Assim, o parágrafo onde a referida «gralha» se situa tem a seguinte e autêntica versão:

«A informação final do Vice-Reitor do Seminário, o douto e austero Padre António José dos Reis, legitimista que se expatriara quando da invasão do Algarve pelo Duque da Terceira e pela França se demorara por espaço de dez anos, como perceptor dos filhos do Duque de Lafões, informação exarada no livro de matrículas, não é muito favorável a Ataíde Oliveira».

PRODUTORA DE ENCHIDOS E PRESUNTOS

J.M. GREGÓRIO DE SOUSA

R. Afonso de Albuquerque, 20-22 — LOULÉ

PRODUTOS GREGÓRIO

CHOURIÇOS — PRESUNTOS — PAIOS — BANHAS

Abriu agora com secção de carnes verdes:

Vaca — Cabrito — Porco — Borrego Frango
Coelho — Codornizes

Temos condições para servir Restaurantes

CONSULTE-NOS

(2-1)

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo. Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída para Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA.
— Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

SIEMENS SURDOS

UM SIMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado em Acústica Médica na Alemanha

ATENÇÃO ALGARVE

CONSULTAS no dia 25 de Janeiro nas seguintes cidades, onde o Especialista da nossa Casa faz a aplicação de prótese auditiva, em todos os tipos de surdez, mesmo muito graves e considerados surdo-mudos.

Em PORTIMÃO — na Farmácia Carvalho às 9 horas.

LOULÉ — na Farmácia Pinto às 11 h.

OLHÃO — na Farmácia Rocha às 15 horas.

FARO — na Farmácia Almeida, das 17 até às 19 horas.

Escrit. e Laboratórios em Lisboa: Rua da Escola Politécnica (entrada pela Calç. Eng. Miguel Pais, 56-1.º)



Ouvido Secreto

RECITAL DE CANTO E POESIA EM LAGOS

Integrado no I Encontro de Escritores Algarvios, terá lugar em Lagos, no próximo dia 21, pelas 21.30 horas, um recital de canto e poesia, para o qual foram convidadas a cantora Maria Cristina de Castro e a declamadora Maria Germana Tânger. Neste recital serão declamados poemas de escritores algarvios e cantados poemas musicados também de poetas que hajam nascido ou cantado o Algarve.

Este recital é oferecido aos participantes no Encontro e a toda a cidade, sendo, portanto, a entrada livre.

O Grupo de Estudos Algarvios — GEA — entidade promotora do Encontro, conta, nesta iniciativa, com o apoio da Direcção Geral da Cultura, Comissão Regional de Turismo do Algarve e Câmara Municipal de Lagos.

JOSÉ MANUEL & EUSÉBIO, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 11 do mês corrente, lavrada de fls. 40 a 41, v.º, do livro número C-98, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre José Manuel Far'a dos Reis e Eusébio Rita Augusto, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «José Manuel & Eusébio, Limitada», tem a sua sede na Rua Dr. António José de Almeida, número dezanove-A, desta vila e freguesia de São Clemente e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

Segundo — O seu objecto consiste no exercício da indústria de reparação de aparelhos de rádio e televisão e de material eléctrico, em geral, na comercialização de peças e acessórios para esses aparelhos e de artigos eléctricos, podendo ainda explorar qualquer outro ramo de negócio, em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social inteiramente realizado

em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de cinquenta mil escudos, está dividido em duas quotas iguais de vinte e cinco mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Quarto — 1. A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. Para obrigar validamente a sociedade basta a assinatura de qualquer sócio gerente.

3. A sociedade não poderá ser obrigada em actos ou contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Quinto — A cessão e divisão de quotas é livremente permitida entre sócios; — a estranhos fica dependente de prévio consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios em segundo.

Sexto — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios, com o dia de antecedência, pelo menos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 13 de Janeiro de 1978.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

Guerreiro & Guerreiro, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 de Abril do ano findo, lavrada de fls. 110 a 111, v.º, do livro n.º B-93, de notas para

escrituras diversas, do Cartório acima referido, José João Cabola Guerreiro, cedeu a quota do valor nominal de 200 000\$00, que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «Guerreiro & Guerreiro, Lda.», com sede na Rua Cinco de Outubro, n.ºs 1 e 3, rés-do-chão, desta vila e freguesia de S. Sebastião, a Maria José de Sousa Gonçalves Cachola Guerreiro, pelo que saiu da sociedade, renunciou à gerência e autorizou que o seu apelido continuasse a fazer parte da firma social.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 12 de Janeiro de 1978.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

Trespasa-se

Mini-Mercado Baião, na Rua Vasco da Gama, n.º 45-A, em Quarteira. Informa no local ou pelo telef. 65467.

CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE COMERCIAL POR QUOTAS DENOMINADA

«ALGARVE MARINA - VIAGENS E TURISMO, LIMITADA»

No dia onze de Janeiro de mil novecentos e setenta e oito, em Lisboa e no Décimo Segundo Cartório Notarial, perante mil Licenciada Lídia Rodrigues Maia Devesa, Notária no mesmo Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO: — ARMANDO FERNANDES, natural da freguesia de Malcata, concelho do Sabugal, casado com a segunda outorgante no regime da comunhão de adquiridos, residente em Lisboa, na Parada dos Prazeres, n.º 15-7.º andar, direito, portador do Bilhete de Identidade n.º 442 707, emitido pelo Arquivo de Lisboa, em 31 de Maio de 1974;

SEGUNDO: — D. MARIA ELISABETE MARQUES SERAFIM FERNANDES, natural de Lisboa, casada com o primeiro outorgante no referido regime e com ele residente, portadora do Bilhete de Identidade n.º 128.989, emitido pelo Arquivo de Lisboa, em 31 de Maio de 1974.

OS OUTORGANTES DISSERAM: — Que, pela presente escritura constituem entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO: — A sociedade adopta a denominação de «ALGARVE MARINA - VIAGENS E TURISMO, LIMITADA», com sede em Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé — Algarve, durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

A sociedade poderá criar ou extinguir filiais, agências ou outras formas de representação social e transferir a sua sede e domicílio para outro local em Portugal por simples deliberação da sua Assembleia Geral.

SEGUNDO: — O seu objecto é toda a qualidade de serviços inerentes a uma Agência de Viagens de classe A.

TERCEIRO: — O capital social, inteiramente subscrito e realizado em dinheiro é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, e divide-se em duas quotas, uma de SETECENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS, pertencente a ARMANDO FERNANDES e outra de DUZENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS pertencente a MARIA ELISABETE MARQUES SERAFIM FERNANDES.

QUARTO: — A gerência dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia, pertence ao sócio Armando Fernandes, desde já nomeado gerente.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — Para obrigar validamente a sociedade em todos os actos e contratos é suficiente a assinatura do sócio gerente Armando Fernandes.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — O gerente poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência em quem entender, mesmo em pessoas estranhas à sociedade; igualmente a sociedade poderá constituir mandatários para os fins e efeitos a que se refere o artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial ou para quaisquer outros fins.

PARÁGRAFO TERCEIRO: — Pode a Assembleia Geral nomear outros gerentes além dos sócios, com os poderes ali consignados.

PARÁGRAFO QUARTO: — É expressamente proibido aos gerentes ou seus mandatários obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e documentos estranhos aos negócios sociais.

QUINTO: — A cessão de quotas no todo ou em parte, a estranhos, fica dependente da autorização de quem mais for sócio.

SEXTO: — Dando-se a morte ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade nem por isso se dissolve, continuando com os sócios sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdição, nomeando aqueles entre si, o que nela os represente, enquanto a quota se mantiver indivisa.

SÉTIMO: — Anualmente será dado um balanço geral que será encerrado em trinta e um de Dezembro, devendo os lucros nele apurados, depois de deduzidos cinco por cento para o FUNDO DE RESERVA LEGAL, ser divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, termos em que serão suportados os prejuízos se os houver.

OITAVO: — As Assembleias Gerais serão convocadas por carta registada com aviso de recepção dirigidas ao domicílio dos sócios com a antecedência mínima de quinze dias, sempre

que por lei não sejam exigidas outras formalidades.

Que nos termos exarados, têm a sociedade por constituída.

ASSIM O OUTORGARAM. Adverti os outorgantes que o registo deste acto é obrigatório e tem que ser requerido, no prazo de três meses, na Conservatória do Registo Comercial de Loulé.

Ficam arquivadas no maço de documentos relativos a esta livro: — a) Certidão emitida em onze de Outubro do ano findo, pela Repartição do Comércio em Lisboa, da qual consta não se encontrar ali inscrita qualquer sociedade confundível com a ora constituída; — b) Carta emitida em seis de Junho também do ano findo, pela Direcção Geral de Turismo, da qual consta que foi deferido o pedido para a obtenção de um Alvará de Licença de Classe A; — c) Três cartas emitidas pela mesma Direcção Geral de Turismo, respectivamente em seis de Junho, trinta e um de Agosto e vinte e oito de Dezembro, todas do ano findo, das quais consta ter sido autorizada a instalação de uma agência de viagens da Classe A, em Vilamoura, e as suas prorrogações até trinta de Janeiro corrente.

Foi-me exibido o documento comprovativo de ter sido depositada hoje na Caixa Geral de Depósitos, à ordem da respectiva gerência a importância correspondente ao capital social da sociedade ora constituída, como determina o Artigo Décimo Sétimo do Decreto-Lei número quatrocentos e setenta e dois, barra setenta e dois, de vinte e oito de Novembro.

Esta escritura foi lida e o seu conteúdo explicado em voz alta aos outorgantes na presença simultânea de ambos.

A Notária,
Lidia Rodrigues Maia Devesa

I FILGRÁFICA/FILESCOLA A REALIZAR EM LISBOA

De 10 a 19 de Fevereiro de 1978, vai realizar-se na Feira Internacional de Lisboa a 1.ª FILGRÁFICA/FILESCOLA, certame dedicado às indústrias gráficas em geral, ao livro e ao material didáctico.

Manifestação que, dados os sectores envolvidos, encerra à partida características marcadamente culturais, a 1.ª FILGRÁFICA/FILESCOLA constitui, por outro lado, uma iniciativa económica cujas perspectivas se apresentam verdadeiramente animadoras.

Realizada num momento em que o sector editorial e as indústrias gráficas em geral, conhecem no País um surto de apreciável movimentação, e em que as acções que se estão desenvolvendo a nível das estruturas do sistema educacional exigem uma posição atenta das indústrias produtoras de material didáctico, a FILGRÁFICA/FILESCOLA vai surgir, em Fevereiro de 78, como um acontecimento oportuno.

Os objectivos do certame vão cer-

tamente atrair as atenções dos diversos intervenientes do mundo gráfico, editorial e do ensino. Assim, a FILGRÁFICA/FILESCOLA propõe, à partida, a promoção e venda do livro e do material gráfico no mercado interno; a divulgação dos produtos das artes e indústrias gráficas portuguesas junto dos mercados estrangeiros; o incentivo e divulgação da tecnologia educativa, com relevância para os meios audio-visuais de ensino; e finalmente o incremento do intercâmbio entre os sectores editoriais e livreiros portugueses e estrangeiros.

CARIMBOS

Executam-se na

GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa

Telef. 62536 — LOULÉ

De que lado está «A Voz de Loulé»

(Conclusão)

«A Voz de Loulé» está do lado dos que lutam de alma e coração (e muita coragem) para que Portugal continue a ser terra unicamente dos portugueses e governada apenas por portugueses que não sejam marionetes ao serviço de interesses estrangeiros.

— Do lado contrário de quantos recebem escudos como prémio da sua traição à Pátria que os viu nascer.

— Do lado contrário de todos os lacaios de Moscovo que pretendem transformar Portugal numa colónia da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

— «A Voz de Loulé» está do lado daqueles que, tendo sonhado construir o seu próprio futuro — conseguiram-no. E do lado contrário daqueles que, não tendo ainda capacidade (ou idade) de atingir essa meta, sonham em roubar aquilo que é dos outros — por ser extremamente mais cómodo e muito mais rápido.

— Do lado contrário de todos os patetas Alegres e néscios que quiseram convencer-nos que Angola seria livre se os portugueses a abandonassem.

— Do lado contrário de todos os sonsos e pulhas que lançam os ingénuos e parvos para a frente da fogueira e ficam na sombra a gozar comodamente o espectáculo... enquanto os outros se «queimam» no desemprego, na miséria e na fome.

— Do lado contrário de todos os matias deste país para os quais «uma sociedade mais justa» significa o endeusamento de meia centena de chefões que escravizariam um Povo à sua despótica vontade.

— «A Voz de Loulé» está ao lado das infelizes mães cubanas que, como qualquer mãe de qualquer país do Mundo, choram a perda irreparável dos seus filhos mortos ingloriamente em Angola, numa guerra estúpida, cruel, sanguinária e inútil (e que nada lhes diz) só para servirem os interesses do imperialismo soviético.

— Do lado daqueles que protestam contra o terrível Tarrafal e pretendem agora erguer um monumento em Lisboa em homenagem aos 24 camaradas que lá morreram em defesa da liberdade.

— E também ao lado dos que lamentam o esquecimento propostado dos gélidos campos de concentração da Sibéria e que por isso gostariam de ver erguido, também em Lisboa, um monumento aos 110 milhões de cidadãos da União Soviética que, sistematicamente, foram mortos por discordarem, ao longo de 60 anos, da brutalidade dum regime despota que escraviza um Povo à vontade soberana e onipotente de um Partido Único.

— Do lado contrário dos «progressistas» que odeiam o progresso e preferem andar de burro e de «pata» descalça.

— Do lado contrário daqueles para quem o fascínio do Poder os levou a praticar os mais monstruosos crimes... em nome da «libertação» do Povo Português.

— «A Voz de Loulé» está do lado daqueles que defendem intransigentemente, os interesses de Loulé, do Algarve e de Portugal, quer isso desagrade, ou não, aos homens da direita, do centro ou da esquerda.

— Do lado contrário de todos os Patos bravos deste país, a quem a cegueira do Poder os levou a cometer os mais hediondos crimes e a tomar as atitudes mais canalhas.

— Do lado contrário dos comunistas do 26 de Abril que, de armas nas mãos, se portaram heroicamente em Angola, servindo o capitalismo, e que se viraram, oportunamente, em progressistas revolucionários, para defenderem o imperialismo soviético/cubano.

— Do lado contrário de todos os traidores, capazes de vender a alma ao Diabo em troca de um prato de lentilhas.

— Do lado contrário dos loucos Otetos deste país que viram no Poder Popular a única via de ocuparem os lugares dos odiados «burgueses».

— Do lado contrário dos que ajudaram a implantar a ditadura comunista em Angola, mas que fogem do comunismo como quem foge do Diabo.

— Do lado contrário de todos os pavões a quem o fascínio do Poder fez perder a cabeça.

— Do lado contrário dos arrastões russos que monopolizaram a pesca na Guiné em seu exclusivo proveito, enquanto o Povo Guinéu morre de fome.

— Do lado contrário dos que berraram histericamente contra os monopólios... (só) para ocuparem os lugares dos monopolistas.

— Do lado contrário daqueles que sonharam (alto) com o Poder Popular para ficarem no Poleiro.

— Do lado dos Povos explorados, oprimidos e escravizados pela U.R.S.S.

— Do lado dos homens corajosos e das mulheres intrépidas deste país que ousaram dizer NÃO à ditadura salazarista e hoje, abnegada e teimosamente, têm a audácia e a grandeza de alma bastante para continuar amando a sua Pátria e, destemidamente, insistem em dizer NÃO a uma ditadura social-fascista.

— Ao lado dos que não têm medo da G.N.R., nem da P.S.P. e nem sequer da Polícia Judiciária, porque sabem que estas corporações só perseguem os ladrões, os pulhas, os malandros, os desordeiros, os vadios, os párias da sociedade, etc.

— Do lado dos que entendem que Portugal deve alinhar com os países ricos e desenvolvidos — porque de miséria está o Mundo farto.

— Do lado contrário dos cretinos e falhados que, à falta de argumentos válidos, descem ao insulto mais nojento, ao ataque mais feroz, à intriga mais vil... supondo enaltecer-se.

— «A Voz de Loulé» está ao lado daqueles que, por desejarem o progresso e o bem estar geral, nunca alinharam com os que, oportunisticamente, se intitularam de «progressistas».

— Ao lado dos que preferem morrer com honra e em liberdade do que ser escravos toda a vida.

— «A Voz de Loulé» está do lado dos que tiveram a felicidade de conhecer a bela, próspera e portentosa Angola e que hoje sentem a amargura de saber que o seu Povo passa fome e miséria, sob o terror duma cruel e sanguinária ditadura, imposta pelos

novos colonizadores cubanos/soviéticos.

— Está do lado daqueles para quem os sentimentos de honra, de dignidade, de respeito pela propriedade alheia, de pudor, de honestidade, de civismo, de recato, de brio profissional, da liberdade dos outros, de estima, de graça, de lealdade, de respeito e de integridade de carácter, são valores mais altos que se levantam acima da malvez e do ódio bolsado em nome de ideias propositadas e firmemente atraídas.

— Ao lado daqueles para quem liberdade não é sinónimo de escravatura móbil, sectarismo ao serviço de um partido único.

Isto não é um libelo acusatório contra quem quer que seja. É antes o desabafo de um homem traumatizado pela pulhice de tantos homens que traíram um Povo — só para se guindarem aos píncaros do poder e da fama.

Se o caro conterrâneo Sebastião Matias entende que ser anti-comunista é ser anti-soviético, pois seremos anti-comunistas na medida em que não podemos aceitar que a nossa Pátria se transforme numa obediente colónia da União Soviética, de tal forma que fique a ela escravizada como hoje o são os Povos de Cuba, Angola, Moçambique, etc., etc., etc.

O apartheid

O Apartheid é tão acintosa e cruelmente aplicada pela U. R. S. S. que os soviéticos até construíram, em Berlim, o Muro da Vergonha (que é um verdadeiro atentado à Liberdade e aos direitos do homem) para isolar os alemães comunistas dos seus irmãos que o não são.

Sempre gostaríamos de saber qual seria a reacção do Mundo (e principalmente da Rússia) se a Rodésia se lembrasse construir um muro em Pretória para isolar os negros dos brancos.

Valia a pena experimentar... só para ouvir o mundo protestar perante tamanha «afrenta» aos mais sagrados direitos do Homem.

C. A.

Moradia na Suíça para a filha

de «Camarada Vasco»

Maria João Gonçalves, filha do antigo primeiro-ministro e general do MFA, Vasco Gonçalves, é proprietária de uma morada na Suíça, cujo preço ascendeu a uns milhares de contos.

A citada morada situa-se em Lausanne, onde aliás, «o companheiro Vasco» se desloca frequentemente.

Donde se conclui que se pode ser revolucionário... sem deixar de acautelar o futuro, na Suíça.

Menos arroz

A produção do arroz na campanha deste ano situa-se entre 35 a 40 por cento da média das colheitas normais.

Defender os cidadãos

O Ministério da Administração Interna anunciou a criação, a curto prazo, de um grupo especial antiterrorismo integrado no Corpo de Intervenção da P. S. P., cuja missão geográfica é a «luta anti-sequestro».

EXPOSIÇÃO DE ARTE EM LAGOS

Encontra-se patente na «Santo António, Galeria de Arte», em Lagos (Rua Silva Lopes, n.º 49) uma exposição de pintura do artista Carlos Alberto Santos. Reune a mesma 30 aquarelas versando o tema «O Algarve de ontem e de hoje, na forma e na cor».

O certame pode ser visitado até 25 de Janeiro.

CICLISMO

Nos terrenos da Quinta do Lago (Almancil — Algarve) disputa-se no dia 29 de Janeiro o Campeonato Nacional de Ciclismo, promovido pela Federação Portuguesa de Ciclismo.



AGRADECIMENTO



A família do sempre lembrado e suadoso

ARTUR MARCOS GUERREIRO

Ainda imensamente consternada com a perda irreparável do seu ente querido, sente ser seu indeclinável dever vir patentear publicamente a sua gratidão a todas as pessoas que procuraram reconfortá-la em tão doloroso transe.

Através de «A Voz de Loulé» generalizamos o nosso reconhecimento a todos quantos nos acompanharam na nossa grande dor, pois sentimos a impossibilidade de agradecer individualmente, a tantos amigos que nos deram alento em horas tão tristes.

Tantas e tão significadas provas de amizade e consolação dos que se dignaram acompanhar à sua última morada o nosso saudoso extinto, calaram profundamente nos nossos corações e foram um lenitivo à nossa amargura. Jamais poderemos esquecer os testemunhos de amizade com que tantos amigos nos distinguiram.

Para todos, a nossa gratidão.



JOSÉ BERNARDO RODRIGUES

(José Lucas)

2 ANOS DE SAUDADE

Sua esposa, Aurora Antónia Mendes Rosa, seus filhos D.ª Maria Mendes Rodrigues e Carlos Mendes Rodrigues e esposa Aura Martins Farrajota e netos Orlando, D.ª e Pedro, recordam a data de 21 de Janeiro como o dia triste que assinala o 2.º aniversário da morte do seu ente querido.

QUARTEIRA

Aluga-se na Rua projectada à Rua Vasco da Gama um armazém com a área de 100 m2 c/ casa de banho e um quarto. Informa na Praceta B, à Av. Cidade Lourenço Marques, Lot. 523-6.º, Dt.º. Olivais Sul — Lisboa-6 — Telef. 332847.

PROPRIEDADE

Vende-se, de boa terra de semear composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Nesta Redacção se informa.

(3-1)

EMPREGADO/A DE ESCRITÓRIO

Precisa-se para trabalhos em regime de «part-time».

Dirigir carta com «currículo» e habilitações à Associação dos Comerciantes do Concelho de Loulé.

ANÍBAL SANCHO

ALEXANDRE

SOLICITADOR

Rua da Trindade, 12-1.º-Esq.

Telef. 24505 — FARO

(4-4)

J. Luís Brito da Mana

ADVOGADO

ESCRITÓRIOS:
Rua de Santa Justa, 82-1.º
Telef. 321505 — LISBOA

Rua da Trindade, 12-1.º-Esq.
Telef. 24505 — FARO

(4-4)

CABELEIREIRA

ANY

Participa a todas as amigas e ao público em geral, que acaba de abrir um SALÃO DE CABELEIREIRO na R. Projectada à Av. 25 de Abril, r/c Esq.º, em LOULÉ (1.ª transversal a seguir ao correio), agradecendo antecipadamente a gentileza de uma visita.

(2-1)

Criemos um Mundo Novo... mas melhor

(continuação da pág. 1)
que em diáspora se dispersaram por todo o Mundo? Que esperança poderão ainda ter os que se submeteram à droga, à prostituição ou se marginalizaram da sociedade onde forçosamente devem viver ou vegetar? O que poderão aspirar os que tocados pela doença ou miséria são esquecidos pelos homens?

Não vislumbro nesta altura em que 78 começou a dar os seus primeiros passos qualquer espécie de resposta às perguntas que avancei e que aos gritos saíram de uma alma cansada mas não vencida de verificar à sua volta os seus próprios irmãos procurarem continuamente os pontos que os dividem e não pelo contrário enalteceram os contactos onde preside o consenso e a harmonia.

Nota-se por todo o lado uma procura constante de atritos e agressões. A luta de classes parece pretender atingir todos os grupos onde porventura haja o mais pequeno sinal de contradição. Os atritos fomentam-se entre os operários e os patrões, entre os operários não qualificados e os seus mestres, entre alunos e professores, entre filhos e pais, entre homens e mulheres, e descobrem-se sempre exploradores e explorados onde até à altura se viam dirigidos e dirigentes, amigos e até amantes.

Criou-se um clima de agressividade, de luta, de contestação entre classes e pessoas que são complementares, que necessitam de se entreajudarem, onde a harmonia, o bem estar, a fraternidade e o amor deviam naturalmente prevalecer.

Mas por quê?
Por um Mundo Melhor para todos (ou a vida melhor para alguns)?
Pois que se procure um Mundo Melhor pela via humanista e cristã. Pela inteligência e pelo amor.

A sociedade portuguesa ainda não é uma sociedade de Paz. Afirmou-o o Patriarca de Lisboa na sua alocução comemorativa do Dia Mundial da Paz.

Sentimos esta afirmação na carne e no espírito.

Neste início do ano e neste contexto parafraseando o Bispo do Porto digo também: «Não à violência; sim à Paz».

Mas meu caro Amigo para sairmos do «ghetto» em que a Nação

foi projectada não são suficientes palavras de amargura ou esperança e seraficamente concordarmos com palavras de ordem beatificamente saudáveis e geralmente bem aceites pela maioria dos homens.

É preciso mais; muito mais.
É preciso criar esperança aos desesperados.

É preciso descravizar os que se escravizaram na droga, na prostituição ou pelos fanatismos destruidores do homem.

É preciso sarar feridas morais que esartejaram a Nação.

É preciso curar os que estão doentes.

É preciso dar trabalho aos que dele necessitam.

É preciso viver como homens; como Nação civilizada.

Por isso e para isso queremos viver à margem da violência e em PAZ.

Por isso e para isso é necessário «a comunhão do povo português entre si e com a sua própria história» com a certeza de que «cada português terá de responder pelo futuro da Pátria».

Pois meu caro Amigo.

Comecei esta carta a fim de lhe desejar e a todos os leitores de «A Voz de Loulé» um óptimo Ano Novo. Comecei-a afinal animicamente cansado e triste com o ambiente sócio-político desequilibrado que me

rodeia. Mas, graças a Deus, ainda consegui vislumbrar nas mensagens do Ano Novo do Presidente da República e da Igreja, afirmações que me ajudaram a entrar neste Novo Ano com um pouco de esperança e de alento para lutar por uma Vida Melhor.

Daí retomando a frase com que o Presidente Ramalho Eanes acabou a sua mensagem: «Cada português terá de responder pelo futuro da Pátria», eu queria exortar todos os louletanos e algarvios que não deixem nas mãos dos outros, dos activos, das vanguardas auto-eleitas, quer da esquerda quer da direita, a condução dos seus destinos. Cada um tem de participar na vida colectiva. Cada um tem de participar e votar na sua freguesia, no seu sindicato, no seu clube, na sua cooperativa. Cada um tem de ser senhor da cota parte que lhe pertence na sociedade que foi dos seus pais, é sua e será dos seus filhos e netos. Essa cota com que participará na condução da Pátria Portuguesa é consubstanciada no seu voto e, da forma como actuar, no seu voto e, responderá «pelo futuro da Pátria».

Não podemos esquecer. Ninguém poderá esquecer que o ano de 1978, pelo agudizamento sócio-económico que se perspectiva, será crucial para o futuro da Pátria Portuguesa.

E nós queremos-la bem portuguesa. Um abraço amigo do

Anselmo do O
Lisboa 3-1-78.



APARTAMENTOS

Vendem-se com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas de luxo, em S. Brás de Alportel, Loulé e Quarteira.
AMÂNDIO & CAVACO.
Av. da Liberdade — Telef. 42387/42433 — S. BRAS DE ALPORTEL.

100\$00

Por 100\$00 (menos de quatro litros de gasolina) pode fazer uma longa viagem pelo mundo do humor e da imaginação.

Leia «O CHATO», «o único Jornal «declaradamente» humorístico do nosso País».

Envie uma nota de 100\$00 (ou 2 de 50\$00, ou 5 de 20\$00, etc.), ou selos, vale de correio ou cheque (com cobertura que os «chatos» somos nós) para:

«O CHATO» — Apartado 249 — COVILHÃ

e receberá, na volta do correio, um exemplar de todos os números saídos até esta data. Reuna toda a colecção e... escagache-se a rir.

Preencha o cupão e envie para a morada indicada, HOJE.

Nome Morada

..... Localidade

envia 100\$00 em dinheiro, vale de correio n.º Cheque n.º

sobre o Banco ou selos de correio (risque o

que não interessar e preencha o que disser respeito ao que escolheu) para pagar uma colecção de todos os números de «O CHATO» saídos até hoje.

«A VOZ DE LOULÉ»

Situação do Centro de Apoio ao Ensino Superior do Algarve

(continuação da pág. 1)

fins de semana. Por outro lado, o custo do funcionamento é suportado em grande parte, pelos próprios alunos, através do pagamento de quotas mensais, o que é feito com enormes sacrifícios dada a sua qualidade de trabalhadores-estudantes;

5. Considerando que o Governo, embora tenha «conhecimento de facto» sobre a existência do referido centro de apoio (muitos contactos directos têm sido estabelecidos além de correspondência diversa) inexplicavelmente continua a querer ignorá-la oficialmente não lhe dando qualquer apoio;

6. Considerando que algumas Faculdades têm revelado a maior compreensão e interesse pela iniciativa, mas a atitude do MEIC não lhes permite dar um maior apoio;

7. Considerando que os alunos que estudam no referido centro de apoio, porque são trabalhadores não poderão assistir às aulas em Lisboa, ainda que sob o regime de «voluntários», já lhe bastando o terem de ir a essa localidade prestar provas de avaliação de conhecimentos;

8. Considerando que o avolumar das dificuldades financeiras e outras poderão fatalmente conduzir a uma

situação de desmobilização dos actuais alunos e impedir que outros adiram a tal iniciativa, com todas as graves consequências daí decorrentes;

Os Deputados do Partido Social-Democrata solicitam ao Governo, através do Ministério de Educação e Investigação Científica as seguintes informações e esclarecimentos:

a) Como encara o Governo a situação atrás descrita em que, até ao momento, mais de 400 alunos inscritos no Centro de Apoio Universitário do Algarve têm sido completamente ignorados?

b) O PSD entende que a referida iniciativa é de elevado alcance e interesse, pensa o Governo da mesma forma ou, pelo contrário, não lhe reconhece validade? Se não a acha válida, no sentido em que ela procura dar seguimento à aspiração e necessidade de valorização dos cidadãos, como pensa o Governo dar resposta efectiva ao apoio que se exige?

c) Que medidas pensa o MEIC tomar no sentido de apoiar o referido Centro, no aspecto financeiro e de instalações e no do domínio de garantir uma adequada formação dos alunos, através da integração das horas de aula no Centro, no horário global dos professores nas respectivas Faculdades?

JOSÉ GUERREIRO MARTINS, LDA.

CONSTROI E VENDE APARTAMENTOS

OPORTUNIDADE DESTES MÊS:
Arrecadação adaptável a apartamento,
na Rua Ascensão Guimarães - LOULÉ

Av. Infante de Sagres — Telef. 65457 — QUARTEIRA



Um automóvel para si

Os elevadíssimos preços dos automóveis novos aconselham a pensar na aquisição de um veículo em 2.ª mão.
Nós podemos servi-lo bem em preços, em qualidade e em honestidade de processos de trabalho.

Por isso é extremamente vantajoso para si que, antes de se decidir pela compra de um automóvel de confiança ou se pretende trocar ou vender o seu, contacte com

STAND MEALHA

Rua Serpa Pinto, 20 ★ Telef. 62166 ★ LOULÉ

PROPRIEDADE VENDE-SE

Sita no centro do Algarve, entre a Estrada Nacional Faro-Portimão e o caminho municipal de Alcantarilha a Silves, com cerca de 70 000 m2.

Informações: (horas de expediente) — Telef. 56133 (Algoz) ou 52361 (Albufeira) depois das 20 horas, ou Apartado 17 — Albufeira.

(4-3)

DE NOVO O TERROR?

(continuação da pág. 1)

cançamos os nossos objectivos» mas a verdade é que os homens devem abrir os olhos e aprender a conviver e a dialogar em clima de compreensão em vez de, fanaticamente, seguirem as directrizes que lhes são impostas para servirem partidos que servem interesses estranhos aos dos trabalhadores.

A solução que acabou por ser encontrada para o problema que colocou um Sindicato em luta declarada contra a administração do Sol e Mar e da qual resultou o despedimento de 3 trabalhadores veio provar a saciedade que a violência não é a melhor forma de resolver problemas, até porque a violência gera sempre a violência, sendo difícil prever as consequências daí resultantes.

Quando, frontalmente, alguém recusa «ir para os tribunais» e diz preferir resolver o assunto «por si mesmo» dá inequívocas provas de que já perdeu antecipadamente as razões que pensa serem os verdadeiros argumentos da sua causa.

Quando se fazem patéticas ameaças de que «vai haver molho» e se insultam empresários com ameaças de morte num país onde funcionam tribunais (que, felizmente, não chegaram a ser populares) vê-se nitidamente que há por detrás de tudo isto uma velada intenção de teimosa e persistentemente se pretender agitar conflitos sem um mínimo de razão, mas que é preciso manter para dar continuidade a uma luta que tudo arrase.

A dura luta agora travada desesperadamente pelos sindicatos contra os interesses dos trabalhadores está provocando não apenas despedimentos com justa causa (com o claro objectivo de provocar a agitação social) mas está também evitando a criação de novos postos de trabalho, através do medo que se impõe aqueles que gostariam de se lançar em novos empreendimentos, criando riqueza e prosperidade geral.

Nós não temos procuração do sr. Fernando Barata para defender a sua posição. Nós defendemos intransigentemente o posto de trabalho que criámos numa dura luta por uma sobrevivência honesta e digna. Nós criámos postos de trabalho e proporcionámos um bem estar relativo aos que conosco trabalham. Somos o mais velho de todos eles e sentimos o peso da responsabilidade de zelar

pelo seu bem estar e pelos seus interesses.

Sentimos obrigação de defender os seus postos de trabalho contra a calúnia mais torpe, contra a injustiça mais iníqua, contra a blasfémia mais nojenta, contra o insulto mais idiota e asqueroso.

Nós estamos ao lado do sr. Fernando Barata porque, também nós, fomos, há dias, ameaçados de morte por um empregado que, a mandado do seu sindicato, tudo fez para ser despedido com «justa causa». Por isso estamos perfeitamente conhecedores dos meandros que causaram os problemas no Hotel Sol e Mar.

E porque as cúpulas são as mesmas, as táticas iguais, os sistemas funcionam por disco gravado, há outro sindicato que ordena no sentido de que «é preciso derreter o Barata» porque «ele é o homem grande da iniciativa privada» pelo que facilmente se conclui que ainda não desistiram da sua luta os que teimam em «afundar as empresas para tomarem o (fascinante) Poder» sem se aperceberem de que estão provocando o seu próprio suicídio, além do crime de quererem lançar este já tão pobre país na degradação e na fome.

Quando arruaceiros (fazendo o papel de marionetes dum partido) ameaçam resolver problemas a tiro de espingarda, berram «a luta continua, Barata para a rua»; fazem ameaças de morte e provocações com cânticos revolucionários; ameaçam «arrasar» um Hotel; partem vidros das janelas; fazem desesperante tentativa de invadir um Hotel; cantam a já gasta «canção» dos explorados/exploradores; agredem selvática e fanaticamente oficiais da G. N. R. em frente duma manifestação mobilizada para insultar a administração do Hotel Sol e Mar, dão-nos uma triste e louca imagem dum alienante desespero de quem vê ruir os seus últimos sonhos de poder e desvario.

Em boa verdade, há realmente coisas irrealizáveis de conseguir e pretender o impossível é loucura, logro, é impossível que os maus deixem de agir como maus que são.

Apesar de ter de enfrentar tantas e tão complexos problemas só pelo facto de possuir uma organização que proporciona trabalho a cerca de 300 pessoas, Fernando Barata tem conseguido manter aquela fleuma que lhe é peculiar e, sem perder a calma, tei-

ma em fazer progredir a sua empresa.

De resto, só os que têm mérito suportam a oposição e as censuras com dignidade, apesar de terem de enfrentar uma diabólica máquina que trabalha 24 horas por dia para fazer «derreter» os mais persistentes que não desistem de enfrentar as mais torpes calúnias para defender aquilo que criaram.

Comungamos com a ideia de Fernando Barata de que «é através dos tribunais e não da força da arruaça e do «Terrorismo», que devem solucionar-se os litígios que o diálogo eventualmente não sane, até porque as condições reinantes no inverno 1977/78, são de facto diversas das do Verão de 1975».

Por isso não aceitamos que se volte de novo ao terror de 75 como se pretendem demonstrar em Albufeira e também em Lisboa, quando há dias algumas dezenas de jovens médicos insultaram e agrediram o Inspector Superior da Acção Hospitalar, Dr. Gonzaga Ribeiro por este não aceitar a admissão de internados hospitalares dos médicos que se recusaram a prestar provas de admissão.

Como deveremos considerar a atitude de indivíduos que, pelo seu grau de instrução, tinham obrigação de se comportar como Homens?

Estaremos, de facto, a viver num país de loucos?

Não podemos permitir, sem que ofereçamos tenaz resistência, que sindicalistas destruam mais uma pequena empresa das quais se proclamam defensores.

Eles já destruíram as grandes e agora continuam a insistir em «arrumar» as pequenas. Defenderemos a que criámos com a força da nossa razão e a razão da nossa força.

Apesar das ameaças e duma previsível vingança (que é apanágio dos maus) nós tivemos a coragem de contrariar as insinuações e ilegais pretensões sindicais. E isto porque entendemos que os Sindicatos não devem atrair os interesses dos trabalhadores mas que devem defendê-los dentro da legalidade, da equidade, do bom senso, sem rasteiras torpes, que são próprias dos homens sem moral. Quem se auto-proclama «defensor dos interesses dos trabalhadores» não tem o direito de lhes provocar (propositada e firmemente) situações de desespero e de fome, como acaba de acontecer, também, no Hotel Sol e Mar. Como resultado da luta desencadeada pelo Sindicato, foram despedidos três trabalhadores e mais sete saíram de sua livre vontade por se sentirem deslocados no ambiente que eles próprios ajudaram a criar.

Depois disso, 35 trabalhadores do Sol e Mar convocaram um plenário para fazer uma análise da situação e eleger uma nova Comissão de Trabalhadores, tendo ficado assente que esta não discutirá problemas políticos no Hotel.

J. B.

CRÓNICA DE ALBUFEIRA

Para quando as obras de saneamento básico?

Tanto se fala neste Concelho em toda a época do ano quer no estrangeiro, quer no próprio país, dadas as características próprias das belezas naturais, clima moderado, belas praias de areia dourada com recortes afagados pelas águas do Atlântico que convida as pessoas da tenra idade até à terceira idade a procurarem esta zona para passarem os seus dias de descanso.

Constata-se, por outro lado, a presença constante de altas individualidades nacionais e estrangeiras procurando este concelho para a realização de reuniões, colóquios, exposições, férias, mesmo no Inverno, etc.

Com boas ligações rodoviárias, ferroviárias e avião, pena é que sejam esquecidos valores naturais das redondezas do concelho, com o seu florido das amendoeiras, arvoredos (filho da atmosfera carregada de gases), à mistura com os insectos originários das águas paradas em certos terrenos, casas em ruínas por falta de condições sanitárias e outras de habitação hoje tão necessárias, por falta de auxílio financeiro aos proprietários, para conservação.

Alguns quintais e terrenos encontram-se alagados por falta de escoamento na construção de esgotos há tempo prometido pela Câmara Municipal, com graves prejuízos das sementeiras, que poderiam auxiliar em parte.

Para quando o arranjo das re-

guas junto aos quintais na Zona de Vale de Serves e Ferreiras, onde os mesmos terrenos estão encharcados perdendo o arvoredado frutífero e sementeiras, por falta de escoamento? Porque se pede a colaboração da população dessas zonas, se se promete ir tratar solucionar o problema, e ano após ano, continua sem solução? Será que voltamos às promessas e se prejudicam os proprietários, a lavoura e a economia?

Tanto se fala no abastecimento de água ao domicílio na Zona de Ferreiras, Estação C. de Ferro, Vale de Serves e outras, cujos moradores entusiasmados com a colaboração da canalização de abastecimento de água mesmo com esforço monetário e económico fizeram as suas ligações para os domicílios e continuam a aguardar o abastecimento, vendo somente o precioso líquido correr direito ao mar e os seus terrenos encharcados?

E os esgotos ou Estação de tratamento para quando?

Que algo seja feito de urgentemente na defesa da população e seja realizado um estudo a curto prazo, para solucionar estes graves problemas, falta de escoamento de águas fluviais nos terrenos, luta contra os insectos, abastecimento de águas ao domicílio, colocação de esgotos, arranjo das bermas das estradas nacionais 395 e 125.

«BILHETES POSTAIS» E OS CTT

(continuação da pág. 1)

largo período de tempo, até recente data... a partir da qual nos foram, subitamente devolvidos.

Com efeito, constitui uso nosso a expedição corrente de postais, além de outras formas de correspondência, somente e apenas agora, ante a nossa surpresa, os «postais» remetidos, nos passaram a ser sistematicamente rejeitados pelo destinatário, uma vez que a sua aceitação implicava o pagamento de uma multa de 9\$00 aos CTT.

Tal porte redundava, em última análise, numa sobrecarga de serviços: entrega (recusada nestas condições) e retorno, ao remente do «postal».

Inquiridas as razões, pois o impresso por nós usado correspondia ao formato estipulado, ficámos então cientes que os «postais», por nós emitidos estavam carecidos da designação expressa de «Bilhete Postal», tal como prescreve a regulamentação postal vigente. Isto é, será necessária a aposição dos dizeres «Bilhete Postal» para que como tal fosse considerado e beneficiasse por conseguinte da respectiva tarifa.

Tudo legal, de facto, constatámos. Só que nos provocou espécie a disparidade de procedimentos...

Queremos, no entanto, tirar algum

proveito do rigor agora adoptado pelos CTT.

Nesse sentido, aqui alertamos os nossos caros leitores, que por qualquer eventualidade sofram idêntico precalço recomendando-lhes a inscrição indispensável de «Bilhetes Postais»... nos «postais», carecidos deste distintivo.

Podemos ainda acrescentar que muitas têm sido as firmas que se surpreendem com a aplicação da multa de 9\$00, por só agora os CTT terem descoberto a existência de uma velha Lei... que está proporcionando algum proveito ao Estado.

Actividades culturais

da Casa do Algarve

Dentro do espírito que presidiu à criação do Centro de Arte e Cultura «Teixeira Gomes» vão iniciar-se no corrente mês, aos sábados, tardes culturais na Casa do Algarve, que começarão por mesas redondas sobre matérias do curso complementar dos Liceus e outros, com professores moderadores, versando temas programáticos apresentados por um aluno e comentados por três, já conhecedores do tema em debate. Tudo isto em termos que permitam a troca, a aquisição de conhecimentos através do diálogo, para que estas sessões, culturais, de interesse didáctico, possam ser assistidas por estudantes interessados nas matérias, bem como pelos seus familiares, proporcionando reuniões de convívio, donde poderão surgir diversas iniciativas com objectivos culturais e recreativos, jogos de salão, etc.

As duas primeiras mesas redondas subordinam-se aos temas «Os Lusíadas» e «Os Maias». A estas tardes culturais, os sócios e suas famílias podem-se fazer acompanhar de pessoas amigas.

CURSO DE DICÇÃO

Destinado aos sócios e seus filhos, inicia-se nos princípios de Fevereiro um curso de dicção a cargo da Professora do Conservatório Nacional, D. Maria Germana. Este curso tem a duração de 3 meses, de 2 lições por semana, de 1.30 horas, das 18.30 às 20 horas. O preço é de 200\$00 por mês.

As respectivas inscrições recebem-se na sede da Casa do Algarve, rua Capelo, 5-2.º-Dto., em Lisboa, até ao dia 25 de Janeiro.



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da
G. Guerra, n.º 14-1.º Esq.º
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

TORNE O SEU LAR MAIS ACOLHEDOR

COMPRANDO MÓVEIS E ESTOFOS NOS

Estabelecimentos

Manuel Rodrigues Cruz, Lda.

Electrodomésticos - Rádio - TV

ALMANCIL
Telefone 94153

Sucursal: Rua do Pé da Cruz, 46 — FARO

Torne mais acolhedor o seu lar

COMPRANDO NA

CASA SIMÃO

as mobílias que mais goste ou os móveis avulso
que mais se harmonizem no ambiente da sua casa

Para DECORAÇÕES — ESTOFOS — COLCHOARIA
VISITE A

CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

Praça da República, 8 — Telefone 62110 PPC

Filial: 34, Avenida Marçal Pacheco, 49 a 51

LOULÉ



Quotidianos

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

«REQUIEM POR UM VELHO COMPANHEIRO DE ESCOLA»

A história daquele moço era um enredo levado do diabo. Primeiro, ainda amostra de gente, já semeava umas batatas e uns agriões lá no naco de terra que circundava a casa paterna. Diabrete ainda, na rebeldia dos seus sete anos, recusou sempre a «compostura» no banquinho da escola, ali bem direitinho em frente à D. Aurora, que se dizia professora, e que catequista o era pela certa.

Austera de processos, rude na altivez, carunchada e quarentona de solteirice, nunca a D. Aurora perdia ocasião de elevar bem alto o vergão da palmatoada, em nome da educação e do ensino, além é claro, do «deixai vir a mim as crianças», da sua cândida inspiração cristã que lhe bocejava a virtude.

Cedo descobrira o moço, que era mais certo apanhar catetada todos os dias, que chegar a casa e ter pão para comer. Cedo também descobrira o Rogério, que mais valia fazer berreiro e rebolar-se pelo chão num fingimento de dor, aproveitando para espreitar as saias à professora, do que autoproclamar-se herói, e conter o derrame das lágrimas, imolando-se como um «homem», construindo um carácter de firmeza e desprezo pela dor, mas do qual nunca se viria a fazer constar na história, nem ninguém lhe agradeceria tais esforços.

Saiu assim o Rogério para uma outra vida, que não aquela das redacções e ditados muito certinhos, dos desenhos bem apresentados, sem nódoas nem borrões despropositados, ou tio trinta e um do D. Afonso Henriques até ao reinado de um António qualquer de Santa Comba Dão. De agradável, aí isso sim, gostara de marchar pelas ruas da vila, disfarçado de Mocidade Portuguesa, e batendo na pele dum tambor quase tanto maior que ele todinho, com uma moca enorme, que mal lhe cabendo entre os dedos, bem mais lhe apetecia jogar na cabeça da velha da D. Aurora.

Raios a partam! Que ainda lhe não passara aquela vez em que o diabo da professora lhe dera uma dentada numa orelha, que só por milagre não descolou. Diabos levem a cadela! Então não queriam lá ver, hem! Ela que morda no sapato, ou nas orelhas dum burro se quiser! Burro! Ah! Ah! Era isso que ela mesma lhe chamava, a toda a hora. Burro! Puxa, e que ridículo, ele, Rogério Santos, do sítio do Pereiro, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, que apanhava sempre, ali encostado a um canto da sala, de costas para os colegas, que ainda agora brincavam com ele, a atirar pedras aos pardaís, e a apanhar «aguidas» para pôr nas ratoeiras, e tão logo, o escarneciam, riam dele, dele Rogério Santos, o burro, o burro da turma, o mais pascalhão. O burro que não sabia quanto ganhava um comerciante se vendesse dez laranjas a dez tostões cada uma. Ele era parvo porque desconhecia a existência de uma beleza passível de ser escarrapachada num papel a lápis de cor, para além daquela outra beleza que lhe era a fim sempre que corria atrás dos coelhos com um varapau de marmeleiro, ou sempre que ia ali para o Cadoço partir canas e jogá-las no turbilhão das águas em queda, logo curveantes, deslizantes, a caminho das hortas e dos pomares, onde fartava a barriga de laranja roubada.

Ele que, ali encolhido, tremendo de medo e de raiva, Rogério de seu nome, burro, bruto e casmurro, todos os dias apanhava palmatoadas da angélica D. Aurora, sádica frustrada ao serviço da Nação, morreu sem eira nem beira, longe da Pátria, traído como os demais, de novo encurralado, numa esquina de rua agora, na Luanda dos canibais. Rogério, meu pobre amigo, irmão da escola, da «rolha», da «ferra-mosca», do pião e da «malha», não tenho lágrimas que desobstruam este nó que me aperta a garganta e me crispa os punhos. Adeus!

Mais um êxito do Rancho Infantil Folclórico de Loulé

Em complemento à notícia dada no nosso último jornal, em que fazemos referência à exibição dada pelo Rancho Infantil Folclórico de Loulé na Casa da Terceira Idade, em Olhão, cabe assinalar que foi de facto encomioso o acolhimento prodigalizado pelo pessoal social daquela organização e pelos próprios internados, entre os quais figuravam dois idosos louletanos.

Também o grupo «Tó-Clareza», que também se integrou na deslocação, averbou fartos aplausos pela sua actuação.

Perante o sucedido, não restam dúvidas de que o Rancho Infantil de Loulé, juntou mais um êxito ao seu «palmarés».

APONTAMENTO RETROSPECTIVO de um assassinio ocorrido em Viseu

Os jornais diários fizeram ampla propalação do inusitado caso, em que um indivíduo após ter convidado o amigo para jantar o mata para se apropriar do dinheiro que ele possuía!

Deu-se em Viseu, no passado dia 23 de Dezembro, sendo protagonista da lastimável ocorrência e vítima, o filho de um dos nossos prezados assinantes, e nosso conterrâneo.

Embora tardiamente, aqui relatamos sumariamente a tragédia, que lançou em extrema angústia e desespero os pais do indito José António Andrade Madeira, de 22 anos de idade, cuja única culpa consistiu em não saber escolher os amigos.

O caso resume-se em poucas linhas.

José António Andrade Madeira,

era portador de uns milhares de francos destinados a custear-lhe umas pequenas férias em Paris, quando acaeceu ao convite de um amigo e companheiro, finalista de enfermagem, de nome José António Rodrigues dos Santos.

Não adivinhou, porém, que este o fizera com premeditadas e repulsivas intenções.

Assim, findo o jantar e no regresso, entre o Bairro Guimarães e Viseu, o Rodrigues dos Santos, aproveitando-se do ermo do caminho traiçoeiramente esfaqueia mortalmente o amigo e subtrai-lhe o dinheiro de que este era portador.

Mais tarde ante as investigações que a pouco a pouco se aceram, e, talvez, perante os próprios remorsos, o assassino entrega-se à polícia judiciária de Coimbra e confessa o acto perpetrado.

Contudo o mal é irreparável e José António Andrade Madeira, jamais poderá recuperar a vida perdida na flor da idade...

A infausta vítima de uma traição sem nome, era filho do nosso estimado amigo e conterrâneo sr. Joaquim Faustino Madeira e da sr.ª D. Maria Andrade Madeira, ora residentes em Viseu e sobrinho do nosso caro amigo e assinante Manuel Faustino Madeira, residente em Faro.

A família enlutada expressamos sentidas condolências.

CARTA ABERTA

Ao Ex.mo Sr. Presidente
da Câmara Municipal de Loulé

Para dar conhecimento a V. Ex.ª da opinião e vontade do Povo residente e utente da Rua de Portugal, desta Vila, foi elaborado um «murmúrio» nesta artéria, para que com tal e por seu intermédio se possa expressar o seu descontentamento e total desacordo, por esta via estar vedada ao trânsito no sentido Norte-Sul.

Constata-se assim, por experiência adquirida dos comerciantes desta rua (alguns com mais de quarenta anos de estabelecidos e residentes na mesma) — que, tal deliberação veio impedir o acesso directo aos respectivos estabelecimentos aí situados que por ela era canalizado, como também o acesso principal à Vila, pela estrada de Salir.

Adiantando mais um «murmúrio» prevêm-se sérias repercussões gravosas, de origem comercial, pelo facto da Freguesia de S. Sebastião ficar, desde já, inferiorizada perante a Freguesia de S. Clemente por esta beneficiar de quatro acessos enquanto a Freguesia de S. Sebastião, passou a ter apenas dois: Rua Serpa Pinto e Rua N.ª S.ª da Piedade.

Para acalmar os «murmúrios» pedimos a V. Ex.ª para que se digno mandar passar uma esponja sobre esta deliberação que supomos seja proveniente da Comissão de Trânsito, retirando da Rua de Portugal tal restrição ao tráfego.

Após aturados murmúrios, nesta rua, chegou-se à conclusão de que com um simples sinal se resolveria tudo: um sinal de proibição no sentido Norte-Sul, apenas a veículos pesados.

Muito atenciosamente, agradecemos a v.ª melhor atenção para o assunto em causa.

Os murmuradores

da Rua de Portugal

CAMPANHAS PROMOCIONAIS DO ALGARVE EM 1978

Realizou-se no dia 4 do corrente, na sede da C. R. T. A., com a presença de hoteleiros, agentes de viagens, delegados dos restaurantes, rent cars, casinos e transportadores (70 responsáveis de empresas turísticas do Algarve), uma reunião em que foram discutidos diversos assuntos relacionados com a animação e presença do Algarve nos vários certames no país e no estrangeiro.

O Presidente da C. R. T. A., começou por dar conhecimento e auscultar a opinião dos presentes acerca do Calendário de Animação 78, tendo

havido aceitação do trabalho apresentado.

Foi depois dado conhecimento das manifestações nacionais e internacionais em que se impõe a presença da região Algarvia, sobretudo onde existam possibilidades de captar turistas para a época baixa, apresentando a C. R. T. A. diverso material promocional específico para uma campanha de inverno.

É de salientar o interesse manifestado pelos presentes em colaboração com a C. R. T. A., que, como nós, apostam nas potencialidades turísticas desta região durante todo o ano.

GRANDE PENALIDADE GERA BURBURINHO E AGRESSÕES

Aconteceu aqui, no Estádio Municipal, no passado domingo dia 8, quando, a contar para o Campeonato da III Divisão de Futebol, o árbitro que dirigia o encontro entre o Quarteirense (então com a vantagem de uma bola a zero) e o Serpa, assinalou uma grande penalidade contra a primeira turma.

A penalidade, pelos vistos, exaltou os ânimos dos adeptos mais acalorados do Quarteirense, que após o toque do apito invadiu o campo e agrediu o árbitro.

Igualmente foi agredido um dos agentes da PSP ali em serviço, que interveio para aplacar o tumulto.

Posteriormente, identificado o agressor foi este detido e enviado

ao Tribunal da Comarca para responder pelo acto.

Há assim a registar e a lamentar um desacato que em nada prestigia o desporto...

Pelo que nos foi dado ouvir, o estádio não oferece condições de segurança para jogos de franca competitividade, onde o público (os mais facciosos e belicosos) pode gerar distúrbios de deploráveis consequências.

Assim, seria conveniente, atentar-se para as circunstâncias e remediar, dentro do viável, a carência de uma vedação protectora, já que o civismo de alguns não chega às vezes para mitigar as situações.

DIRECÇÃO REGIONAL DOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS DO ALGARVE

ESTAÇÃO DE AVISOS

AGRÍCOLAS DO ALGARVE

INFORMAÇÃO

NESPEREIRA

PEDRADO — Como já foi referido por esta Estação de Avisos, há necessidade de se fazer a prevenção desta doença, dado que as actuais condições atmosféricas são favoráveis ao seu aparecimento. Vimos assim fazer notar a necessidade de se proceder aos respectivos tratamentos, quer nas variedades mais tardias, quer nas que já têm fruto em meio desenvolvimento, para o que recomendamos os pesticidas com as seguintes substâncias activas:

Dodina
Manebe
Zirame
«Nirit»
Manebe + Oxícloreto de cobre + Zinebe
N - (Triclorometiltio) - fitalimida
Oxícloreto de cobre
Oxícloreto de cobre + Zinebe
Sulfato de cobre
Sulfato de cobre + Zinebe

CITRINOS

MÍLDIO — Atendendo a que as condições atmosféricas verificadas nos últimos dias são favoráveis ao aparecimento do «Míldio ou Agudo dos Citrinos», aconselha-se os senhores Citricultores a fazerem novo tratamento para prevenção da doença. Recomendam-se os pesticidas com as seguintes substâncias activas:

Manebe + Oxícloreto de cobre + Zinebe
Oxícloreto de cobre
Oxícloreto de cobre + Zinebe
Óxido cuproso
Sulfato de cobre
Sulfato de cobre + Zinebe

Faro, 10 de Janeiro de 1978.

O Responsável da Estação de Avisos,

Joaquim P. M. Horta Correia

INDEMNIZAÇÕES REVERTEM A FINS DE BENEFICÊNCIA

Conforme noticiámos, em edição transacta, o pronto-a-vestir «Tentação» e a sapataria «Zá-Zá», foram indemnizadas pelos furtos e danos cometidos nos respectivos estabelecimentos, em face a determinação judicial.

Cabe, portanto, em resultado da sentença lavrada, 5.000\$00 (à prima do proprietário do estabeleci-

mento «Tentação» e 3.000\$00, à Sapataria Zá-Zá.

Tem cabimento assinalar, entretanto, que os estabelecimentos referidos resolveram enetregar o donativo, à «Casa da Primeira Infância», 3.300\$00 e 3.000\$00, respectivamente, gesto que entendemos dever assinalar pelo seu elevado significado.